



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8708 - Pôster - 3ª Reunião Científica da ANPEd-Norte (2021)

ISSN: 2595-7945

GT 15/GT 20 - Educação Especial e Psicologia da Educação

SILENCIAR PARA QUÊ? EM BUSCA DA VOZ ATIVA DA CRIANÇA DEFICIENTE

Dilma Costa Nogueira Dias - UEPA - Universidade do Estado do Pará

José Anchieta de Oliveira Bentes - UEPA - Universidade do Estado do Pará

Fábio da Conceição Câmara - UEPA - Universidade do Estado do Pará

Agência e/ou Instituição Financiadora: UEPA

SILENCIAR PARA QUÊ? EM BUSCA DA VOZ ATIVA DA CRIANÇA DEFICIENTE

Nos dias de hoje, o ato de mandar calar a voz alheia tem se tornado muito presente. Por diversas vezes, nos deparamos com situações de absoluto desrespeito, com preconceitos diversos contra a cor da pele, a classe social, a orientação sexual, a escolha religiosa, o fato de ter alguma deficiência ou até mesmo o fato de ser criança, além de tantas outras realidades, com atribuição de rótulos e estigmas para com determinadas identidades, que também são motivos de indiferença e menosprezo.

Um dos males que mais nos afligem e nos chocam é perceber o desrespeito, a desvalorização do outro. Neste universo, de preconceitos e falta de amor, a criança com deficiência ainda é culpabilizada por interrupções de sonhos. Precisamos analisar o quanto é significativa a construção coletiva a respeito da criança. Neste sentido, temos por objetivo dialogar acerca da temática da criança e da deficiência, por entendermos, que a criança deficiente pode ser um ator ativo de seu processo de socialização. Não somente para valorizar suas falas, mas também para compreender a sua perspectiva sobre o mundo. Trazemos os posicionamentos de Bakhtin (2011) para dialogar sobre as relações de exotopia e os de Glat (2009) para versar a respeito dos estigmas vivenciadas pelas crianças com deficiência.

Para Bakhtin (2011) o momento que o indivíduo se constitui, ele se altera, constantemente. E esse processo não surge da própria consciência, é algo que se consola socialmente, por meio das interações, das palavras, dos signos, os quais nos constitui e nos

transforma na relação com o outro.

Reiteramos que, é primordial reconhecer o homem na sua vertente social tendo uma relação de interação com o outro e é a partir dos desdobramentos dos olhares do Eu, que podemos dar o acabamento em mim. Subjetividades outras, que precisam ser dialogadas para ressignificar essas vozes silenciadas. Nesta perspectiva, trazemos para a discussão, o enaltecimento e a apreciação das vozes das crianças deficientes.

Diante do silenciamento das vozes das crianças com deficiência partimos do *lócus* da pesquisa, que é um espaço educativo da Escola Municipal Francisco Nunes, por entender, que a construção, a ressignificação e o diálogo se faz primordial, nas relações com o Outro e a partir de múltiplos olhares que mudanças de posturas podem ser modificadas e dialogadas.

Conviver em sociedade remete para que as pessoas elenquem os acontecimentos de sua vida. E quando consideramos os grupos “diferentes” dos demais, os estigmas se tornam evidentes. Para Glat,

A imagem que ele vê de si é a que lhe é refletida pelos espelhos-homens que o cercam. Pode-se dizer, portanto, que o autoconceito ou identidade pessoal de um indivíduo, se forma e se desenvolve, em grande parte, em função das percepções e representações dos outros (GLAT, 2009, p. 15).

As relações com o Eu e o Outro são primordiais para a constituição do sujeito. Cada pedaço, cada estilhaço pode ser colado quando estamos dispostos a ouvir o outro. Possibilitar a escuta permite que o outro se sinta amado, respeitado além de possibilitar que voos mais altos possam ser alçados.

Partindo das falas das crianças com deficiência delineamos o caminhar da pesquisa focado em um método dialético de pesquisa por entender que, a escuta das vozes é essencial para dar visibilidade as insurgências das crianças com deficiência.

Traçamos a trajetória da pesquisa na Escola Municipal Francisco Nunes, na qual teve a participação ativa das crianças com e sem deficiência. Para o início da pesquisa, percebemos, a importância de conquistar a confiança das crianças com deficiência para que assim, os pesquisadores pudessem ser aceitos para dialogar com eles.

Entendemos e podemos atribuir que por conta de diversas atitudes de outros, a forma desconfiada pode possibilitar uma proteção a elas. Desse modo, iniciamos a aproximação com três crianças com deficiência. Para garantir o anonimato das crianças apresentamos nomes fictícios, o menino Síndrome de Down denominamos Leandro, a menina autista Safira e com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Diego. Todos estão na faixa etária de 10 a 12 anos.

Para termos o contato com as crianças tivemos que utilizar várias abordagens com Leandro, no primeiro momento, não fomos aceito e precisamos esperar que a criança fosse juntamente com o estagiário Luiz para a sala em que iríamos conversar, e depois, entramos. No diálogo percebemos que a criança não era verbal e falava poucas palavras como “viado”, sendo necessário estarmos atento a compreensão dos gestos. Ao perguntar sobre seus amigos apontou para o estagiário Luiz e não para os colegas de sala.

Conhecemos Safira na sala da coordenação, local em que a criança passa a maior parte

do tempo desenhando e pintando, quando a estagiária Luana, que a acompanha, não consegue ir à escola por ter que participar das atividades acadêmicas oriundas do seu curso. A criança, no primeiro momento, estava retraída com a nossa presença. O diálogo iniciou tímido, mas depois conseguimos dialogar e interagir com ela. E ao perguntarmos acerca de suas amigas, informou que não tinha amigas, pois havia brigado com elas. Ao tocar a campainha do recreio, pedimos que pudéssemos conhecer as amigas, que no olhar da criança, não eram mais amigas.

Para construirmos os laços de afetividade com o TDAH levamos duas semanas de observação, e toda vez que chegávamos próximo dele, ele corria e nos ignorava. Mas, não desistimos e o cumprimentávamos mesmo de longe. Até que, após, duas semanas, na sala do Atendimento Educacional Especializado, conseguimos interagir com ele, a partir de fantoches e fazíamos diversas vozes. Desse modo, conseguimos adentrar e nos aproximarmos dele. Brincamos com vários jogos e no final, recebemos um abraço bem apertado. E com ele decidimos experienciar aquele momento permitindo que a criança nos indicasse sobre o que queria conversar.

Percebemos, que as três crianças tinham diferentes formas de aproximação, mas todos demonstraram receios com o novo. Por entendermos que as estratégias de aprendizagem podem acontecer nos mais variados espaços, observamos as crianças com deficiências interagindo com outras crianças e adultos que estavam no recreio, por ser um espaço de descontração. Apresentamos as relações estabelecidas entre Leandro e Luiz, o estagiário, Safira e duas amigas e por fim Diego, com outra criança e o pai.

Relação entre Leandro e o estagiário:

Leandro: ((correu e subiu no muro. Tirou a blusa e começou a dançar))^[1]

Luiz ((Estagiário)): Desce, Leandro. Você vai cair?

Leandro: Não

Luiz ((Estagiário)): Coloca a blusa?

Leandro: Calor ((fazia a expressão)).

[1] Os parênteses duplos representam as descrições da pesquisadora, por exemplo a expressão gestual corporal do Leandro.

Todos os dias Leandro agia da mesma maneira. E ao descer do muro, dançava com o estagiário. Após, pegava sua merenda e gesticulava que estava com fome. E de maneira, prazerosa comia seu lanche.

Safira dizia que não tinha mais amigas, ela apresentou as amigas que brigou. Indagamos às crianças se Safira era sua amiga e elas disseram que sim, mas elas tinham brigado por causa de uma boneca e que Safira quase não ficava dentro de sala. Ao estabelecermos a ponte de afetos a mágoa desapareceu e surgiu um diálogo.

Relação entre Safira e duas amigas de sala

Safira: eu vou lanchar

Amiga 1: eu trouxe suco

Amiga 2: eu trouxe biscoito

Safira: eu trouxe Nescau.

Mediante as interações, as três passaram a conversar e brincar entre si. Já Diego, suas relações, por vezes, agiam de forma isolada em que a criança ia no bicicletário, pegava qualquer bicicleta e andava pelo recreio. Enquanto isso, a estagiária pedia para parar e ele fingia que não era com ele. Ao ser retirado da bicicleta encontrava outra possibilidade de se divertir, até que viu uma criança de aproximadamente 5 anos com um carro brincando sozinho em cima da mesa. O pai desta criança estava sentado aguardando para falar com alguém da direção. Foi quando Diego interagiu com a criança, que chamaremos aqui de Elói.

Relação entre Diego, Elói e o pai

Diego: Que carro legal! Bora brincar! Passa o carro pra mim

Elói: Bora

Diego: Muito legal! O carro caiu.

Pai da criança: Me dê o carro.

Enquanto Diego estava brincando sem impulsionar com força o carro, a brincadeira entre ambas as crianças, foi aceita. Mas, depois que o carro passou a cair. O pai da criança encerrou a brincadeira, pegou o carro e seu filho.

Diante das observações realizadas no recreio, não percebemos nenhum professor para estabelecer intervenções significativas e contribuir com mudanças de atitudes e posturas. Entendemos que, o professor deveria estar no seu intervalo, mas orientações poderiam ser dadas aos estagiários. Já que, o processo educativo perpassa por todos os funcionários que trabalham na escola. Entendemos que, somos seres incompletos e inconclusos e que precisamos do outro para termos um acabamento como sujeito social. E para Bakhtin este acabamento acontece a partir das relações entre Eu e o Outro.

Mediante os desdobramentos de olhares podemos considerar a exotopia a partir de três momentos: o primeiro seria o Eu, a escuta da criança com deficiência, o segundo momento podemos entender como a forma em que me desloco para o lugar da criança com deficiência e, o terceiro momento seria sair do lugar do outro para expor a minha opinião, para também ter um distanciamento para opinar e avaliar sobre os acontecimentos.

A relação entre Leandro e Luiz, o estagiário, podemos denominar de exotopia do cuidado, por parte do estagiário. Por parte de Leandro explicitamos a exotopia de diversão, por entender, que além da criança querer brincar, ela também queria chamar a atenção, pois por meio dessa sua atitude, ele sempre estava cercado de estagiários e do porteiro.

Já na relação entre Safira e as duas amigas de sala de aula podemos nomear de a “exotopia do diálogo” em que após a intervenção dos pesquisadores, o estranhamento foi resolvido e o diálogo foi preponderante.

Na relação entre Diego com Elói e o pai consideramos a exotopia da brincadeira e evidenciamos que existem formas outras de brincar, porém, se há a possibilidade de quebrar o brinquedo, a brincadeira termina, segundo a ótica do pai.

Portanto, destacamos que, é primordial conhecer a essência da criança e isso se faz também no recreio, pois compreendemos que se nos relacionamos com as crianças nos momentos de descontração, criamos laços afetuosos e assim ajudamos a desenvolver melhores formas de intervenção na sala de aula, além de demonstrarmos mais empatia pelo outro.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Prefácio a edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. – 6ª. ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. p. 21-34

GLAT, R. **Somos iguais a vocês**: depoimento de mulheres com deficiência mental. 7. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

PALAVRAS-CHAVE: Empatia, Exotopia, Protagonismo, Criança com deficiência.